

DOSSIER

FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS

AS ESCOLAS PORTUGUESAS NO MERCADO GLOBAL

Quatro reflexões de representantes de escolas de formação de executivos mostram-nos como o 'know-how' português se afirma cada vez mais à escala global. A presença em 'ranking' internacionais, as múltiplas parcerias em diferentes geografias e a capacidade de atrair alunos de outros países vão consolidando uma realidade que há alguns anos poucos imaginavam. Mas há muito caminho para fazer...

Recolha: Redação «human» Fotos: DR

UMA POSIÇÃO DE EXCELÊNCIA



Célia Quintas
Docente do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS) | Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE/IPS)
www.esce.ips.pt

A ESCE/IPS propõe-se preparar estudantes que assegurem a gestão otimizada de recursos e o desenvolvimento do tecido empresarial, numa abordagem pedagógica que tem como retorno uma elevada taxa de empregabilidade.

A dinâmica económica mundial é complexa, imprevisível e opera num cenário global, termo cunhado pelo sociólogo Roland Robertson em 1992 para se referir à importância do local e das identidades territoriais e da sua relação com o global. A intensificação das identidades regionais e locais, dos conflitos e das guerras é disso exemplo, introduzindo uma complexidade acrescida à sociedade, à economia e, consequentemente, às empresas. Um estudo conduzido pela KPMG em 2023 a partir da inquirição de 1.325 'chief executive officers' (CEOs), 50 dos quais portugueses, indicou que as tensões geopolíticas e a incerteza se encontravam entre os principais riscos percebidos. Os crimes cibernéticos, a Inteligência Artificial (IA) e a articulação entre trabalho remoto e presencial constavam igualmente das preocupações enunciadas pelos CEOs inquiridos. Sabemos que a estes problemas se associam outros, de que são exemplo a sustentabilidade e a transição energética e climática, a escassez de matérias-primas ou a escassez de talentos. Os constrangimentos enunciados são alguns, entre muitos, que correspondem a desafios colocados às escolas de gestão. Estas deverão desenvolver estratégias pedagógicas que estimulem o pensamento crítico, a flexibilidade, a capacidade de trabalhar em equipa e de inovar, para preparar estudantes para um futuro incerto que apenas conseguimos vislumbrar. Portu-

gal destaca-se no cenário global, no que respeita à formação dos seus executivos, com quatro escolas portuguesas reconhecidas nas Top 50 do 'ranking' de 2023 do «Financial Times». Estes resultados colocam-nos numa posição de excelência no mercado global que certamente contribui para aumentar a atratividade internacional dos nossos diplomados. Contudo, a educação só se concretiza se tiver um efeito intrinsecamente transformador. Neste sentido, a Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE), do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), à qual pertença e pela qual poderei falar com mais propriedade, propõe-se preparar estudantes que assegurem a gestão otimizada de recursos e o desenvolvimento do tecido empresarial. Para tal, atua a vários níveis, dos quais destaco: diversidade de oferta formativa; reestruturações e reorganizações curriculares para responder às exigências do meio; valorização da internacionalização e da multiculturalidade, através da presença de estudantes estrangeiros, predominantemente oriundos dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOPs) e da União Europeia; conjugação da educação formal, não formal e informal com a realização de estágios curriculares, onde a aprendizagem se processa de forma aplicada em estreita ligação com as empresas. Esta abordagem pedagógica tem como retorno uma elevada taxa de empregabilidade.

MANTER A CAPACIDADE DE INOVAÇÃO



Alexandre Silva
Presidente da Coimbra Business School
ISCAC
<https://bs.iscac.pt>

FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS

A formação de executivos é uma área crucial no mundo dos negócios, especialmente num mercado global cada vez mais competitivo e dinâmico. As escolas de negócios em Portugal têm desempenhado um papel significativo na preparação de líderes empresariais para enfrentar os desafios na arena internacional. Quer por adaptarem e diversificarem a sua formação, quer por capacitarem os seus docentes e investigadores à realidade aplicada das empresas e organizações.

A Coimbra Business School ISCAC (Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra) é uma instituição de renome em Portugal e que se tem destacado na formação de executivos, nas mais variadas vertentes e programas. Esses programas geralmente incluem cursos de curta duração, seminários, 'workshops' e programas executivos de maior duração, como MBAs executivos. São projetados para fornecer aos participantes uma compreensão abrangente dos princípios fundamentais de negócios, bem como 'insights' práticos sobre como aplicar esses princípios no ambiente empresarial global. Entendemos que o contexto profissional/académico é no sentido mais otimista de modernidade líquida onde o tempo das empresas e a resolução de problemas tem que ser acompanhado pela academia, assim como a I&D (investigação e desenvolvimento) tem que ser aproveitada e acarinhada pelas empresas, numa simbiose que torna esta ligação vencedora.

Atualmente, a instituição oferece programas de pós-graduação em diversas cidades, incluindo Lisboa, Porto, Figueira da Foz, Tondela, Mortágua e Condeixa, em colaboração com parceiros locais e nas próprias instalações. Criamos cursos à medida para parceiros empresariais e organizacionais portugueses e estrangeiros (Angola, Brasil e Moçambique). A oferta formativa abrange uma ampla gama de áreas, como a empresarial, saúde, educação, social, seguradora, financeira, ma-

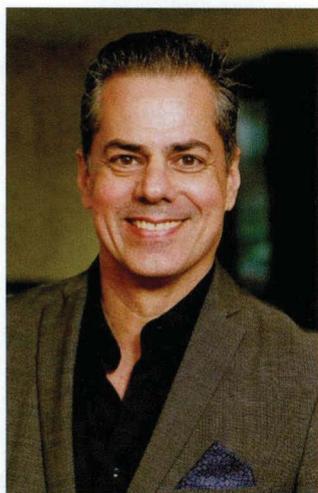
rítima, desportiva, musical, autárquica e outras. A variedade de programas inclui pós-graduações e MBAs em áreas como gestão, auditoria, risco, contabilidade, fiscalidade, 'marketing', finanças, recursos humanos, cibersegurança, direito e tecnologias de informação (TI). A formação executiva em parceria com a Microsoft Portugal em Inteligência Artificial para Executivos, estruturada em seis módulos, vai já na terceira edição. Outro destaque é a pós-graduação em Customer Care Strategies, que visa enriquecer e apoiar o crescimento profissional neste segmento, incluindo um projeto prático de implementação nas organizações. Além disso, numa procura incessante por trabalhar temas emergentes e tendência, a escola tem na sua carteira uma pós-graduação em Felicidade Corporativa e Gestão de Talento, em parceria com o ISLA de Gaia, uma nova pós-graduação em Neurocomportamento para a excelência nas organizações (visando dotar os alunos de conhecimentos e competências relacionadas com as neurociências com impacto na liderança, incluindo técnicas inovadoras e elaboração de projetos) e uma nova pós-graduação em Web3, Blockchain e Criptoativos, concebida para fornecer uma formação de excelência nas áreas da Web3 e Blockchain, tendo o seu pendor holístico como fator distintivo e a intenção de proporcionar uma aprendizagem vanguardista enquanto objetivo.

É entendimento da Coimbra Business School ISCAC que as escolas de negócios têm de ser escolas de alto rendimento, que tal como no desporto têm de estar constantemente a estruturar-se para manter a capacidade de adaptação à realidade global e ter uma resposta ágil a todas as solicitações.

O futuro é manter a capacidade de inovação e integrar as tecnologias emergentes, que é no fundo a alegria de trabalhar num local criativo, dinâmico, integrativo e transversal e que todos os anos evolui e se renova.

As escolas de negócios têm de ser escolas de alto rendimento, que tal como no desporto têm de estar constantemente a estruturar-se para manter a capacidade de adaptação à realidade global.

UMA VERDADEIRA VOCAÇÃO INTERNACIONAL



Pedro Leão
Strategic Management Associate
Professor da AESE Business School
www.aese.pt

FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS

Para além de estar integrada na rede mundial de escolas do IESE Business School, da qual fazem parte mais de 50 escolas internacionais, a AESE Business School tem uma estratégia de abordagem internacional muito clara, dado o universo potencial de participantes, quer a nível da diáspora, quer nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOPs). Nesse sentido, tem vindo a incrementar os programas de intercâmbio com várias escolas, por exemplo com a Cracow School of Business (Universidade de Cracóvia), na Polónia, ou em Itália, com a IPE Business School, em Nápoles, onde estive recentemente a lecionar Strategic Management à turma de MBA local. Também com a escola irmã de São Paulo, ISE, temos parcerias de intercâmbio de professores em programas em regime presencial e remoto.

No ano passado, um grande grupo nacional solicitou-nos um programa multigeografia com turmas provenientes de países africanos, europeus e sul-americanos, implicando aulas em quatro idiomas, para o qual contamos ainda com a colaboração da escola de Lima, no Perú, como parceira.

No fundo, quer se trate de programas presenciais ou remotos, procuramos sempre uma abordagem em rede, o que potencia a riqueza cultural e a troca de experiências a vários níveis. Ainda assim, é na vertente remota que se faz sentir melhor esta vocação internacional da AESE Business School; com a tecnologia digital de que dispomos atualmente no Programa DEEP – Digital Executive Effectiveness Program, conseguimos graus de imersão experiencial que nos permitem interagir com perfeita qualidade e sincronismo com participantes em qualquer lugar do mundo. Esta faceta acrescenta uma nova dimensão de diferenciação da Escola, enquanto proporciona experiências e uma autêntica «aceleração de exposição internacional» aos dirigentes em formação.

Fator diferenciador

A relação com o IESE Business School é, sem dúvida, um fator diferenciador, tanto pela ubiquidade da sua rede internacional como pela excelência dos conteúdos de gestão moderna que produz. Ainda assim, a AESE Business School conta igualmente com um 'savoir faire' de nível mundial, já reconhecido por diversas entidades internacionais, sobretudo pela experiência a nível dos programas presenciais (mais de 40 anos de experiência em formação) e a nível dos programas remotos (mais de cinco anos) e pela abordagem humanista que nos é tão característica. Acresce a qualidade das

Incrementámos a vertente internacional ao assegurar aulas a partir de sete geografias de quatro continentes, de Montevidéu, no Uruguai, a Tóquio, no Japão.

relações humanas que a AESE Business School soube cultivar com outras escolas a nível internacional.

Dada a forte interligação entre escolas, gestão e professores, existe um espaço muito informal de relações próximas que facilitam grandemente qualquer tipo de iniciativa em rede. Neste caso, o IESE Business School funciona como polo agregador entre as várias escolas, nomeadamente a nível da abordagem, da consistência das temáticas pedagógicas e até da imagem global. Tudo isto potencia de forma significativa o grau de qualidade e consistência com que se torna possível desenhar programas altamente eficazes para desafios gradualmente crescentes. As carreiras dos participantes são impactadas positivamente, porque estes acabam por ter acesso, no caso do DEEP, não só a uma turma de elementos de várias geografias, mas também de professores de quatro continentes. Tudo isto proporciona uma verdadeira aceleração de experiência (e, por conseguinte, de carreira) dos dirigentes, dado que vão tomar contacto e conviver com colegas e professores com contextos, conhecimentos, experiências e perspetivas totalmente distintos, enriquecendo a sua vivência internacional, ainda que num âmbito formativo.

Ainda em relação ao DEEP, cuja edição de 2024, a sétima, tem início a 18 de março, assinalo que incrementámos a vertente internacional ao assegurar aulas a partir de sete geografias de quatro continentes, de Montevidéu, no Uruguai, a Tóquio, no Japão, o que atrai participantes de novas geografias. Noutros programas de índole presencial, estamos a celebrar parcerias com diversas escolas, o que potencia o intercâmbio de formandos, trazendo-os ao 'campus' da AESE Business School em Lisboa, o que lhes permite tomar contacto com a realidade da escola.

A par do DEEP, que é um programa de gestão moderna com uma componente de transformação digital, temos igualmente o AESE Executive MBA, que acaba também por formar quadros em gestão numa perspetiva de direção geral, o que se torna altamente apetecível para as multinacionais.

CORREMOS MUITO, MAS NÃO SABEMOS CORRER EM GRUPO

As escolas portuguesas de gestão estão a perder oportunidades de globalização. Parece contraintuitivo? E é. Mesmo depois das evidências consecutivas dos 'rankings', a verdade é só uma: isolados não fazemos a primavera em Portugal. Enquanto outras instituições de ensino superior se unem em redes internacionais, partilham recursos e conhecimento, e atraem estudantes e professores de todo o mundo, as nossas escolas continuam a competir entre si, a replicar programas e a ignorar as oportunidades de colaboração. Para além de terem criado um 'red ocean' em Portugal.

Esta situação é insustentável a médio-longo prazo e prejudicial para o futuro de Portugal. O país precisa de uma estratégia nacional de internacionalização da educação em gestão, com os incentivos certos à colaboração, que envolva todas as escolas, públicas e privadas, e que crie um 'hub' de excelência, inovação e impacto social. Um 'hub' que seja reconhecido e respeitado pelos parceiros estratégicos, pelos 'rankings' internacionais e pelos potenciais alunos e empregadores.

As escolas portuguesas de gestão têm muito a oferecer ao mundo e já exportam mais que muitos sectores de ponta (não, não é mau exportar alunos de ensino superior quando se sabe que a jusante as empresas, não as universidades, não os conseguem reter), mas também muito a aprender com ele. Só assim poderão contribuir para o desenvolvimento económico, social e cultural do país, e para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e inclusiva.

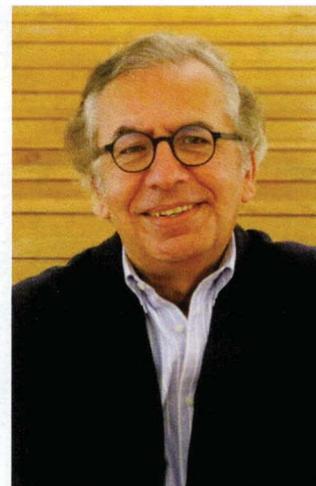
Podemos incorrer em vários pressupostos que não são mais que mera ilusão. Um deles é o viés da confirmação. Olhando apenas para o que me convém para caucionar a putativa razão ou a tendência das pessoas de procurarem ou interpretar informações de forma que estas confirmem as suas crenças ou hipóteses: «mais vale sozinho que mal acompanhado».

Outra é a escalada irracional num compromisso, ou seja, a persistência numa decisão/ ação que gera prejuízo coletivo e gerará efeitos perversos a médio prazo, por já ter investido muito nessa decisão, apesar das evidências do erro: «mais vale um pássaro na mão que dois a voar».

As escolas portuguesas de gestão têm muito a oferecer ao mundo e já exportam mais que muitos sectores de ponta (não, não é mau exportar alunos de ensino superior...), mas também muito a aprender com ele.

Não basta ter uma ou duas escolas que se destaquem ocasionalmente. Não basta ter programas isolados que dependam da boa vontade de alguns professores. Não basta ter projetos pontuais que não têm continuidade e que isolados jamais terão escala. É preciso ter uma visão integrada, uma ação coordenada e uma ambição coletiva. E Portugal, peço desculpa, se há exercício de que não é capaz é do exercício da humildade e do reconhecimento de que sendo pequeno precisa de trabalhar em conjunto. De resto, o modelo é conhecido nas empresas e nas associações de que fim sejam.

A terceira e última, embora haja mais, é o efeito superioridade. Porque eu sou bom então os outros são piores que eu e nada terão a acrescentar. E com estes ingredientes se constrói uma falácia a médio prazo para o país. Porquê? Porque somos pequenos, porque não nos movemos no espaço das grandes marcas universitárias com elevado 'awareness', porque não temos os 'endowments' que outros têm, porque não podemos ter os 'business models' de universidades americanas ou inglesas e porque, entre várias outras, não soubemos e não sabemos colocar o essencial acima do acessório.



José Crespo de Carvalho
Presidente do Iscte Executive Education
<https://execed.iscte-iul.pt>

FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS